

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: 34  
 Data: 28/05/87 Pg.: \_\_\_\_\_

### IML de Cuiabá conclui 190 que jesuíta foi morto

CUIABÁ — O missionário jesuíta Vicente Cannas, espanhol naturalizado brasileiro, cujo corpo foi encontrado há cerca de duas semanas no acampamento que mantinha às margens do Rio Jurueña, no município de Juína (noroeste do estado), a 20 minutos de barco da aldeia dos enauene-nauês, índios com os quais trabalhava há 12 anos, foi realmente assassinado: é a conclusão do laudo cada- vérico do Instituto Médico-Legal de Cuiabá, finalmente divulgado ontem pelo secretário de Segurança de Mato Grosso, Oto Sampaio.

O secretário de Segurança explicou que o corte no estômago do jesuíta, descoberto por um técnico do IML, segundo os exames periciais, foi provocado "por objeto pérfuro-cortante, o que comprova a morte provocada de forma violenta". O laudo não aponta, por outro lado, a existência de perfurações provocadas por bala nem sinais de outras formas de agressão física violenta, como espancamento ou estrangulamento.

Descobrir o autor ou autores do assassinato ainda é um desafio para a comissão de inquérito criada pelo secretário de Segurança, sobretudo porque o local onde o missionário Vicente Cannas foi morto é completamente isolado e tudo indica que o crime foi praticado entre os dias 6 e 7 de abril, pois seu relógio foi encontrado com o calendário marcando o dia 8.

Cumprindo determinação do próprio governador Carlos Bezerra, a quem a Igreja e o Cimi (Conselho Indigenista

Missionário) cobraram o esclarecimento da morte do missionário, o secretário de Segurança enviou anteaitem para a área uma equipe que inclui o diretor da polícia civil, delegado João Capetinga, o diretor do Instituto de Criminalística e um promotor de Justiça — aos quais se juntaram representantes do Cimi — para dar início ao inquérito policial. O secretário de Segurança ainda não tem previsão de quando a comissão concluirá seus trabalhos de investigação na área.

A morte de padre Vicente provocou muita revolta entre os enauene-nauês, que o consideravam mais um membro da tribo, mas até o momento não foi registrado nenhum incidente dos índios com fazendeiros ou madeireiros da região, apontados pelo Cimi como os prováveis mandantes do assassinato, por terem interesse nas terras dos enauene-nauês. Domingo último, na Igreja do Rosário, nesta capital, foi rezada missa e realizado um ato público de protesto pela morte do missionário, com a presença do Arcebispo de Cuiabá, Dom Bonifácio Piccinini, do presidente nacional do Cimi, Dom Erwin Krautler, bispo do Xingu (PA) e representantes de diversas entidades ligadas à causa indígena.

Os enauene-nauês ainda lutam pela demarcação de suas terras, pois o processo demarcatório está emperrado devido a um impasse entre a Funai e a Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), que mantém uma estação ecológica na área, de 150 mil ha, parte dos quais se situa nas terras indígenas.